

# O SOM DO RU: ENTRE RELATOS E ESCUTAS, UMA PAISAGEM SONORA

**Mariana de Assis Soares<sup>1</sup>**

**Marcus Vinicius Marvila das Neves<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Espírito Santo.  
Email: maricotikas@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> Departamento de Teoria da Arte e Música da Universidade Federal do Espírito Santo.  
Membro do NESCoM: <http://nescom.ufes.br>. Email: creed.mvmn@gmail.com .

## **Resumo**

Este projeto teve o objetivo de estudar, à luz das concepções do músico canadense R. Murray Schafer, questões ligadas à paisagem sonora, ecologia acústica e escuta, tendo como base o ambiente de um Restaurante Universitário. Para isso, além de uma breve revisão bibliográfica sobre o tema, realizamos a aplicação e análise de questionário estruturado com os indivíduos que vivenciam diariamente o espaço escolhido para estudo, buscando entender como os indivíduos convivem com o ambiente sonoro que os cercam.

**Palavras-chave:** Murray Schafer. Paisagem sonora. Escuta.

## Introdução

A escuta tem sido um dos principais temas abordados no campo da música desde o início do século XX. Sua etimologia vem do latim *ausculto*, "escutar, ouvir com atenção", diferenciando-se de ouvir – etimologicamente do latim *audio*, 'ouvir, escutar, através de uma' (HOUAISS ELETRÔNICO, 2010).

O compositor e educador canadense Raymond Murray Schafer (1933) em suas obras – das quais se destacam *Ouvindo pensante* (1991) e *Afinação do Mundo* (2001) –, na esteira de Luigi Russolo, John Cage e Pierre Schaeffer, dedicou-se ao estudo dos procedimentos de escuta e suas implicações, com bastante particularidade, através dos sons ambientes. Schafer cunhou o termo *soundscape* (traduzido na América Latina como paisagem sonora). Ele classifica paisagem sonora como sendo uma porção qualquer do ambiente sonoro vista como um campo de estudos, diz que "o termo pode referir-se a ambientes reais ou construções abstratas, como composições musicais e montagens de fitas, em particular quando se consideradas como um ambiente" (2001, p. 366). Schafer apresenta a ecologia acústica qualificando-a como "o estudo dos efeitos do ambiente acústico" ou paisagem sonora, sobre as respostas físicas ou características comportamentais dos que nele vivem. Seu principal objetivo é dirigir a atenção aos equilíbrios que podem ter efeitos insalubres ou hostis (2001, p. 364).

A partir do interesse pela temática envolvendo escuta, paisagem sonora e ecologia acústica, surgiram alguns questionamentos: como é a escuta do frequentador dos diversos ambientes da Universidade Federal do Espírito Santo? Que tipo de som é apreendido na memória deste transeunte? Qual a paisagem sonora do ambiente escolhido para estudo? Quais os reflexos desses sons no cotidiano do ouvinte?

Sendo membro do corpo discente desta Universidade e frequentadora do ambiente de maior circulação de pessoas em um intervalo de horas, o Restaurante Universitário (RU) do campus de Goiabeiras, decidi inquirir seus demais frequentadores durante o horário de almoço com o intuito de entender como este público lida com a paisagem sonora enquanto se faz presente naquele espaço, quais as suas escutas e sensações, e confrontar as respostas realizadas através de questionário estruturado.

## Objetivos

Este projeto teve por objetivo um estudo inicial dos conceitos de escuta,

paisagem sonora e ecologia acústica associados à experiência do ambiente sonoro do RU. Como objetivos secundários pretendeu-se: [a] estudar aspectos da acústica ambiental e arquitetônica que justificassem a ideia de poluição sonora apresentada por Murray Schafer; [b] compreender a paisagem sonora e identificar os níveis sonoros do local escolhido – qualificados como sons fundamentais, sinais sonoros e marcas sonoras (SCHAFFER, 2001, p. 25-27) –; [c] ouvir os frequentadores do ambiente estudado através de questionário a fim de entender sua escuta e as memórias sonoras do espaço acústico; [d] discutir através das respostas obtidas como a escuta aponta sensibilizações sonoras, [e] logo potencializar possíveis problemas acústicos que afetam diretamente a convivência no ambiente estudado e os possíveis efeitos fisiológicos que os sons que ali coexistem causam no frequentador.

### **Procedimentos**

Após a escolha/confirmação do local, o Restaurante Universitário, levando em conta critérios como o número elevado de transeuntes no espaço em foco e intensa atividade sonora presente nele, ocorreram quatro visitas no período de dois meses onde foram captadas informações sobre a escuta dos indivíduos que ali se encontravam no momento, ou seja, por amostragem casual e aleatória, através de questionário estruturado realizado durante o período do almoço, dentro do local e durante o ato de almoçar. Foram abordadas 50 pessoas e nesse quantitativo encontramos docentes, funcionários e discentes frequentadores do local. Analisamos qualitativamente as questões expostas, realizando o confronto das análises com os referências bibliográficos estudados a fim de refletir sobre a paisagem sonora averiguada e a condição de escuta a qual os transeuntes estão submetidos ao frequentar aquele ambiente.

### **Resultados, discussão e conclusões**

O trabalho potencializou o reconhecimento dos principais aspectos audíveis da paisagem sonora ali presente e a relação do indivíduo e sua escuta com o som ao seu redor. Murray Schafer, em *Afinação do mundo* (2001, p. 25) aponta que é necessário identificar cada som dentro de um espaço acústico para uma melhor interpretação da paisagem sonora existente no local de estudo. Surgem assim as categorizações denominadas *sons fundamentais*, *sinais sonoros* e *marcas sonoras*. Por som fundamental Schafer entende que “é a âncora, o som básico”, que não

necessariamente é ouvido com consciência, pois muitas vezes torna-se imperceptível no cotidiano, mas sugere "a possibilidade de uma influência profunda em nosso comportamento e estado de espírito" (2001, p. 26). Os sinais sonoros "são os sons destacados, ouvidos conscientemente" e servem muitas vezes como sinais acústicos (sinos, apitos, buzinas), realizando algum tipo transmissão de mensagens (2011, p. 26). Já as marcas sonoras são os sons únicos ou que possuam "determinadas qualidades que o tornem especialmente significativo ou notado pelo povo daquele ambiente" (2011, p. 27).

Giuliano Obici (2008), autor estudioso da escuta na atualidade, prefere nomear o que Schafer chama de paisagem, de *Território Sonoro*. Um Território Sonoro se caracteriza por tornar algo expressivo, delimitar e marcar. Suas marcas se dão por atos que se fazem expressivos, ele se constrói, é fabricado levantando muros sônicos que podem proteger ou aprisionar. Estabelece-se pela descodificação dos sons no ambiente. A inclusão da subjetividade no julgamento do som e seu lugar no imaginário é ampla, portanto, para o nosso trabalho, analisaremos as respostas dos questionários com base nessa proposta schaferiana.

Com as respostas obtidas nos cinquenta questionários em mãos, elegemos três das sete questões a serem analisadas como as mais relevantes para exposição neste artigo:

- 1) Como são os sons que você ouve dentro do RU?
- 2) Esse(s) som(s) o afeta(m) de alguma forma? Se sim, como?
- 3) Como você se sente auditivamente ao sair do RU? Por quê?

As cinquenta respostas para a primeira questão foram bastante coincidentes e, em alguns casos, idênticas. Compilamos assim os sons identificados pelos participantes da pesquisa: sons fortes e irritantes; barulhos altos e estridentes; pratos batendo; talheres; copos; cadeiras sendo arrastadas; conversa excessiva; bandejas caindo; barulho contínuo e que com o passar do tempo torna-se mais forte; uma confusão sonora que atinge o bem estar.

Nas falas pudemos tirar três conclusões: [a] elas apresentam os sons que mais se destacam *in loco*; [b] sendo eles qualificados como "altos", "estridentes", "irritantes", "barulho" nos apontam para uma relação de incômodo entre o ouvinte e os sons presentes, logo podemos qualificá-los como ruídos dentro desta paisagem sonora, [c] esses sons, dentro da categorização schaferiana são marcas sonoras

bastante representativas na memória do frequentador daquele ambiente. Schafer, em *O ouvido pensante* (1991), define o ruído como “som indesejável, [...] qualquer som que interfere. É o destruidor do que queremos ouvir” (1991, p. 68-69).

Das respostas à questão dois, algumas nos chamaram a atenção e são representativas do geral:

[1] “Nas cadeiras vermelhas é impossível conversar e o zumbido dos pratos fica na cabeça depois.” (*As cadeiras vermelhas são as que se encontram mais próximas da cozinha*)

[2] “Sim, dores de cabeça, perda de apetite.”

[3] “Sim. Cansaço e confusão mental.”

Pudemos notar a partir de Eduardo Murgel, em *Fundamentos de Acústica Ambiental* (2007), que as reações fisiológicas podem ocorrer devido ao alto nível de ruídos concentrados e seus níveis de intensidade. Segundo o autor a exposição humana a ambientes muito ruidosos pode causar danos a diversas áreas do corpo humano. Murgel evidencia que ao ser exposto a uma situação onde não consegue se comunicar verbalmente, contínua e diariamente, o indivíduo pode apresentar sinais de estresse, irritação ou profunda raiva, sofrendo um grande desgaste, além de uma diminuição da capacidade de se concentrar e de desenvolver tarefas como planejar coisas, ler ou decorar algo, tornando todas as atividades mais propensas ao erro. Os prejuízos à visão, a aceleração dos batimentos cardíacos, e o aumento da produção de adrenalina, também são sintomas ocasionados por essa exposição contínua, além de o ruído elevado induzir um desequilíbrio no sistema endócrino, por fazer com que o cérebro mantenha o organismo em estado de prontidão. Souza também aponta, em *Bê-d-bá da acústica arquitetônica* (2011), os efeitos nocivos físicos e psicológicos da emissão demasiada de ruído:

Quanto os aspectos físicos, podem ser citados: perda auditiva até a surdez permanente em casos limites, dores de cabeça, fadiga, distúrbios cardiovasculares, distúrbios hormonais, gastrites, disfunções digestivas, alergias, entre outros. Quanto aos aspectos psicológicos, a exposição ao ruído pode levar à perda de concentração e de reflexos, à irritação permanente, a perturbações do sono, à sensação de insegurança, entre outros. (ALMEIDA; BRAGANÇA; SOUZA, 2011, p. 46).

Dentre as respostas para a questão três, destacamos:

[1] "Aliviado. A sensação de violência sonora é atenuada"

[2] "Parece que a cabeça está cheia como se os barulhos continuassem"

[3] "Aliviado. Dá a impressão de que estava de alguma forma sobre pressão. Ao sair sinto liberdade"

[4] "Perturbado, cansado, por causa dos barulhos constantes"

Nós, que frequentamos diariamente o RU, conseguimos perceber em nossos corpos, quase todos os sintomas descritos. Muitas vezes ao sair de lá, vamos direto para nossas aulas, cansados e com dor de cabeça. Indagamo-nos se os alunos conseguem prestar a atenção necessária nas aulas precedidas por almoços no RU, se conseguem manter o nível de concentração ao realizar suas tarefas em sala de aula e até que ponto a paisagem sonora do RU interfere no rendimento acadêmico dos mesmos. Ficou bastante evidente que se trata de um ambiente acústico pouco desejável para um local que se dispõe a fornecer alimentação ao mesmo tempo em que é um espaço de transição de estudantes saindo da aula para os estágios, chegando para as aulas, etc.

Dentre algumas conclusões, a elaboração de um projeto acústico seria necessária para adequar o ambiente às condições mínimas de conforto acústico para o frequentador e compete ao órgão responsável pela gestão do espaço. Eventuais medições sonoras e análise podem ser fatores fundamentais para a continuidade deste trabalho, mas já fica evidente que, no nível da sensibilidade da escuta, a poluição sonora do espaço em questão se faz presente já na fala de quem o frequenta. Os estudos sobre escuta, paisagem sonora e, em paralelo, de acústica ambiental e arquitetônica, foram essenciais, não só para compararmos termos que são interdisciplinares e contemplam tanto o campo da música como o da arquitetura, mas para refletirmos melhor sobre o ambiente em que circulamos dentro do campus universitário.

### Referências

ALMEIDA, Manuela Guedes de; BRAGANÇA, Luís; SOUZA, Léa Cristina Lucas de. *Bé-a-bá da acústica arquitetônica: ouvindo a Arquitetura*. São Carlos: EdufSCar, 2011.

MURGEL, Eduardo. *Fundamentos da acústica ambiental*. São Paulo: SENAC, 2007.

OBICI, Giuliano. *Condição da escuta: mídias e territórios sonoros*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

SCHAFFER, Murray. *A afinação do mundo*. São Paulo: UNESP, 2001.

\_\_\_\_\_. *O ouvido pensante*. São Paulo: UNESP, 1991.

<[www.ru.ufes.br](http://www.ru.ufes.br)>. Acesso em jul. 2012